

EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO INOVAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE: EVIDÊNCIAS COMPARATIVAS EM CENÁRIOS DE INSTABILIDADE GLOBAL

1 INTRODUÇÃO

A intensificação das crises econômicas, sanitárias e ambientais nas últimas décadas evidenciou limites na capacidade de indivíduos e sociedades sustentarem padrões de consumo e planejamento de longo prazo. O caos global decorrente da pandemia de COVID-19, somado à aceleração da inflação, ao aumento do endividamento das famílias e a incertezas geopolíticas, impôs novos desafios à organização financeira das pessoas (Fornero & Lo Prete, 2023; Terták, 2021). Nesse contexto, a educação financeira (EF) consolida-se como ferramenta essencial para promover escolhas conscientes, reduzir vulnerabilidades e fortalecer a resiliência socioeconômica (Carraro & Soster, 2022; Vieira et al., 2023).

Evidências apontam que a EF transcende o âmbito individual e contribui para a sustentabilidade social, ao estimular consumo responsável, constituição de reservas de emergência e adoção de estratégias consistentes de planejamento financeiro (Hira, 2015; Carraro & Merola, 2018). Vinculada à extensão universitária, a EF ganha caráter inovador, aproximando a universidade das demandas sociais e formando estudantes mais críticos e socialmente responsáveis (Carraro & Larroza, 2021; Oliveira et al., 2024). A literatura recente também destaca que práticas formativas em EF favorecem sustentabilidade ao longo da vida, sobretudo entre jovens, ao desenvolver competências para gerir recursos de modo equilibrado, evitar endividamento e ampliar a capacidade de realizar projetos pessoais e profissionais (Hernández-Fuentes et al., 2023). Tal perspectiva dialoga com os princípios do PRME, que enfatizam a integração entre educação, inovação e sustentabilidade (Nicolaescu, 2022).

Apesar dos avanços, o Brasil ainda exhibe baixo nível de literacia financeira, com reflexos em inadimplência e ausência de práticas consolidadas de controle de receitas e despesas (Banco Central do Brasil, 2021). Torna-se, portanto, relevante avaliar o impacto de iniciativas educacionais sobre mudanças de hábitos e comportamentos financeiros, especialmente em contextos de instabilidade global. Este estudo contribui ao analisar comparativamente os resultados de diferentes edições do curso “Educação Financeira no Século XXI para a Liberdade Financeira”, destacando como a formação promove mudanças de hábitos e comportamentos financeiros sustentáveis, face aos desafios da inovação e da sustentabilidade em tempos de incerteza.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação financeira (EF) é reconhecida como pilar para promoção do bem-estar individual e coletivo, ao oferecer instrumentos para planejar receitas e despesas, formar reservas e tomar decisões conscientes (Fornero & Lo Prete, 2023; Hira, 2015). Nesse sentido, a EF funciona como vetor de sustentabilidade social e econômica, ao estimular consumo responsável e ampliar a resiliência das famílias em contextos de instabilidade (Carraro & Merola, 2018; Terták, 2021). O desenvolvimento de competências financeiras relaciona-se diretamente à adaptação em cenários de crise. Pesquisas mostram que maior literacia financeira associa-se à organização orçamentária, formação de fundos de emergência e redução de comportamentos de risco, como compras por impulso (Carraro & Soster, 2022; Vieira et al., 2023). Tais hábitos favorecem a saúde financeira das famílias e a estabilidade macroeconômica.

Sob a ótica educacional, a extensão universitária configura-se como espaço privilegiado para práticas inovadoras em EF. Programas extensionistas permitem que estudantes atuem como mediadores do conhecimento, ao mesmo tempo em que comunidades acessam

ferramentas práticas de gestão financeira (Oliveira et al., 2024). Essa aproximação reforça os princípios do PRME, que integram formação acadêmica, responsabilidade social e sustentabilidade (Nicolaescu, 2022). No âmbito de cursos de EF, estudos apontam impactos positivos na mudança de comportamento e no desenvolvimento de novos hábitos — adoção de controles de gastos, pesquisa de preços, redução de compras impulsivas e valorização do planejamento de longo prazo (Andrade & Carraro, 2018). Esses achados reforçam que a EF, quando trabalhada por metodologias ativas e vinculada à extensão, forma cidadãos mais conscientes e preparados para os desafios da sustentabilidade em tempos de instabilidade global.

3 METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa e descritiva, que analisa percepções e mudanças de comportamento decorrentes de um curso de educação financeira. Quanto aos procedimentos, é um levantamento (survey) com aplicação de questionários estruturados ao final de duas edições do curso online “Educação Financeira no Século XXI para a Liberdade Financeira” (2021–2022 e 2025), ofertado no âmbito do Programa de Extensão *Educação Financeira para Todos e para Toda Vida* da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O corpus empírico compreende respostas dos formulários finais das duas edições (N=893 na primeira e N=163 na segunda). O instrumento, aplicado online e de forma voluntária, contemplou questões de múltipla escolha, escalas de percepção (Likert de 5 pontos) e perguntas abertas. Os eixos temáticos foram: (i) perfil socioeconômico e financeiro; (ii) percepção de mudanças de hábitos; (iii) práticas de controle financeiro adotadas; e (iv) reclassificação do estilo financeiro conforme a tipologia de Cerbasi (2004). Os dados foram organizados em comparativos entre edições, destacando semelhanças e diferenças nos padrões de resposta. As respostas abertas foram submetidas a análise de conteúdo, com categorias emergentes ligadas a registro de gastos, consumo consciente, planejamento financeiro e envolvimento familiar. A sistematização foi realizada no Microsoft Excel, que também gerou gráficos e quadros comparativos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

No que se refere ao gênero, o primeiro levantamento de 2022 apontou predominância feminina (57%), seguida do sexo masculino (42%). Já na atual pesquisa, observou-se inversão nesse padrão, com maior participação do sexo masculino (55,21%) em relação ao feminino (41,72%). Além disso, 1,84% dos respondentes se identificaram na categoria “outro” e 1,23% preferiram não manifestar. Quanto à residência, mesmo havendo uma queda de 45% para 36,26% na região Sul, ela continuou sendo a maior representatividade entre os respondentes. Em contrapartida, Sudeste (de 25% para 28,22%), Nordeste (de 17% para 19,02%) e Centro-Oeste (de 7% para 8,59%) apresentaram aumentos. Já a região Norte e os participantes residentes fora do país apresentaram reduções (de 5% para 4,29% e de 1% para 0,61%, respectivamente).

Em relação ao estado civil, a predominância de solteiros manteve-se em ambos os levantamentos, embora com variações percentuais. No primeiro ano, 67% dos respondentes eram solteiros, enquanto no segundo ano esse índice aumentou para 70,55%. Já os casados diminuíram de 29% para 23,31%. Referente à faixa etária, manteve-se uma maior concentração na faixa de 19 a 34 anos (69,32%), percentual superior ao do primeiro levantamento (55%). Por outro lado, a proporção de respondentes com até 18 anos foi bem menor no ano de 2025 (4,91%, contra 19%). Nas demais faixas etárias, observaram-se apenas pequenas variações.

A análise comparativa do nível de escolaridade dos participantes revela uma evolução notável na qualificação educacional entre os dois levantamentos. No período de 2021–2022, 52% dos participantes possuíam ensino superior completo ou incompleto. Em contraste, o levantamento atual demonstra um aumento significativo para 74,23% dos participantes nessa categoria, indicando uma maior proporção de indivíduos com formação superior. Por outro lado, a proporção de participantes com ensino médio completo ou incompleto, que era de 25% no levantamento anterior, registrou uma diminuição para 9,20% no estudo atual. Essa redução pode ser interpretada como reflexo do avanço educacional da amostra, com mais indivíduos progredindo para níveis de ensino mais elevados. Além disso, a categoria de pós-graduação, que engloba especialização, mestrado e doutorado, apresentou variação: enquanto 20% dos participantes se enquadravam nessa faixa no período de 2021–2022, o levantamento atual mostra que 15,95% possuem alguma forma de pós-graduação.

4.2 COMPORTAMENTO FINANCEIRO APÓS REALIZAÇÃO DO CURSO

Os impactos do curso foram analisados por meio de uma pesquisa sobre a percepção quanto aos hábitos financeiros e ao controle de gastos e ganhos dos participantes. Também foi questionado se os participantes influenciaram pessoas próximas a também melhorarem seus hábitos financeiros. As perguntas, em ambas as pesquisas, foram medidas por meio da escala Likert (1 = discordo totalmente; 2 = discordo; 3 = não concordo nem discordo; 4 = concordo; 5 = concordo totalmente). A percepção sobre mudanças nos hábitos em relação ao controle financeiro após a capacitação foi de 84,66% dos participantes que concordaram ou concordaram totalmente. Esse resultado representa um aumento de quase dois pontos percentuais em relação à edição de 2021–2022 do curso *Educação Financeira no Século XXI para a Liberdade Financeira*, corroborando o estudo de Andrade e Carraro (2018), que demonstrou a eficácia de cursos de educação financeira em promover mudanças sustentáveis nos hábitos de controle financeiro.

Já em relação à pergunta sobre equilíbrio financeiro, os resultados foram semelhantes aos das edições anteriores: 84% dos respondentes concordaram positivamente. Esse avanço reflete a eficácia do curso no aprimoramento da gestão de recursos pessoais. Como afirma Cerbasi (2004), quem gasta de maneira consciente, mantendo equilíbrio financeiro, está no caminho certo para o enriquecimento. No que diz respeito à influência sobre pessoas próximas, 76,07% dos participantes concordaram que houve efeitos gerados após a realização da capacitação, número que representa um aumento de 5% em comparação à edição de 2021. Esse resultado está em consonância com o Banco Central do Brasil (2013), ao destacar que a participação e o comprometimento dos membros da família são indispensáveis para o sucesso de um planejamento financeiro.

4.3 PRINCIPAIS PRÁTICAS DE CONTROLE FINANCEIRO MENCIONADAS PELOS PARTICIPANTES

Após a conclusão do curso, os participantes tiveram a oportunidade de compartilhar, com suas próprias palavras, as práticas que passaram a adotar ou modificar em relação ao controle das finanças. Os relatos mais recorrentes apontaram para o controle de gastos por meio de planilhas, a adoção de planejamento financeiro, a mudança de hábitos em relação a compras por impulso e o despertar de interesse por investimentos e pela construção de reservas de emergência. Um dos participantes destacou que “toda essa prática trouxe mais clareza sobre onde o dinheiro está indo e nos ajudou a identificar onde nós poderíamos melhorar. Conseguimos definir mais limites para cada categoria de gastos e hoje conseguimos guardar um valor fixo de forma quinzenal” (Participante 36). Outro reforçou a importância do

autocontrole: “Segurar compras por impulso, para juntar mais dinheiro na reserva de emergência” (Participante 123).

Nesse mesmo sentido, o Participante 65 relatou: “Após a realização da capacitação, adotei o hábito de anotar todos os meus gastos diariamente, algo que eu não fazia antes. Isso me permitiu perceber despesas pequenas que, somadas, comprometem uma parte significativa do meu orçamento. Com isso, passei a controlar melhor meus gastos, evitando compras desnecessárias e destinando uma parte da minha renda mensal para a reserva de emergência. Essa mudança de hábito trouxe mais segurança e organização para minha vida financeira.” Outros depoimentos reforçam essa percepção, como o do Participante 58, que afirmou: “Evitei muitos gastos por impulso”, e o do Participante 21, que relatou: “Adotei a prática de elaborar planilhas e de fazer projeções de gastos para economizar. Isso me permitiu criar uma reserva financeira e planejar investimentos para o futuro. Além disso, passei a auxiliar outras pessoas próximas com seus controles financeiros.”

A análise dessas manifestações revela mudanças significativas nos comportamentos financeiros dos participantes após a realização do curso. Entre as principais transformações estão o hábito de anotar despesas, o interesse em aprofundar o conhecimento sobre educação financeira e o envolvimento da família nas decisões financeiras, atitudes que representam fundamentos importantes para a elaboração e a aplicação eficaz de um planejamento financeiro sólido e sustentável.

4.4 MUDANÇA DE PERFIL FINANCEIRO APÓS O CURSO

No início do curso, foi solicitado aos participantes que se autoavaliassem quanto ao seu perfil financeiro, de acordo com a classificação de Cerbasi (2004). Esse mesmo questionário foi reaplicado ao final das duas edições analisadas (2021–2022 e 2025), permitindo comparações entre os resultados. A análise revela, inicialmente, um aumento notável do perfil gastador no início do curso, que passou de 10% para 18%. Esse dado é motivo de preocupação, pois sugere que uma parcela maior dos participantes pode estar priorizando o consumo imediato e compulsivo em detrimento da sustentabilidade financeira, o que tende a levar ao endividamento e à instabilidade econômica pessoal. De forma semelhante, o perfil descontrolado também apresentou um leve aumento (de 11% para 12%), reforçando essa preocupação e indicando agravamento, ainda que moderado, da falta de controle financeiro.

Por outro lado, o perfil desligado apresentou redução de 7%, o que pode ser interpretado de múltiplas maneiras. É possível que indivíduos antes classificados como “desligados” tenham migrado para perfis mais definidos — seja para o lado mais prudente (poupador/financista), seja para o lado mais arriscado (gastador/descontrolado). O comparativo entre os perfis financeiros ao final do curso mostra uma dinâmica complexa. O perfil financista manteve trajetória de crescimento, passando de 27% para 28,83%, enquanto o perfil poupador apresentou uma leve redução, de 50% para 45,40%. O perfil desligado seguiu sua tendência de queda, de 13% para 8,59%, sugerindo possível consolidação em outras categorias mais bem definidas. Entretanto, o ponto mais crítico está no ressurgimento do perfil gastador, que havia recuado na edição de 2021-2022 (de 10% para 5%), mas subiu novamente para 12,27% em 2025. Além disso, o perfil descontrolado também teve um aumento discreto, de 4% para 4,91%.

Esses resultados indicam que os efeitos positivos da intervenção educacional podem não ser sustentáveis a longo prazo, ou que novos fatores externos estejam influenciando o comportamento financeiro dos participantes. Essa constatação reforça a necessidade de adaptações contínuas nas estratégias de educação financeira, de modo a oferecer mecanismos de manutenção e reforço dos hábitos adquiridos. Tais conclusões dialogam com a literatura sobre os desafios da consolidação de hábitos financeiros, sugerindo que a efetividade das

intervenções pode ser potencializada quando acompanhada de estratégias permanentes e personalizadas (Cerqueira & Barros, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou os resultados das edições de 2021-2022 e de 2025 do curso *Educação Financeira no Século XXI para a Liberdade Financeira*. Os achados confirmam que, em ambas as edições, a formação promoveu mudanças significativas na vida financeira dos participantes, refletidas em maior percepção de controle e equilíbrio financeiro, fortalecimento da prática de registrar despesas, redução de compras por impulso, criação de reservas e interesse por investimentos. Também se observou influência positiva sobre familiares e pessoas próximas, indicando efeito multiplicador das aprendizagens. No que se refere aos perfis financeiros, constatou-se aumento do perfil financista e redução consistente do perfil desligado, o que sinaliza maior conscientização e adesão a práticas de planejamento. Contudo, o ressurgimento do perfil gastador e a leve elevação do descontrolado revelam que os efeitos positivos não são totalmente sustentados ao longo do tempo. Esses resultados sugerem que fatores externos, como instabilidade econômica e pressões de consumo, podem impactar a manutenção de hábitos saudáveis, reforçando a necessidade de estratégias pedagógicas contínuas.

As contribuições do estudo são múltiplas. Em termos práticos, evidencia-se que cursos de educação financeira podem transformar comportamentos e fomentar hábitos mais sustentáveis, fortalecendo a resiliência financeira dos participantes. Em termos sociais, os resultados mostram que a educação financeira, quando vinculada à extensão universitária, amplia a cidadania financeira e contribui para a sustentabilidade comunitária, alinhando-se aos princípios do PRME. Do ponto de vista acadêmico, a comparação entre edições do curso oferece evidências empíricas valiosas para compreender a dinâmica de aprendizagem financeira em contextos de instabilidade global, além de indicar caminhos para inovações pedagógicas e metodológicas. Assim, reforça-se a importância de programas permanentes de educação financeira que incorporem práticas de acompanhamento e reforço após a conclusão dos cursos. Estratégias de manutenção, como mentorias, nudges comportamentais e recursos digitais, podem potencializar a consolidação dos hábitos adquiridos. Investigações futuras devem aprofundar as causas das flutuações observadas e explorar novas abordagens que tornem os efeitos mais resilientes, eficazes e sustentáveis em longo prazo.

REFERÊNCIAS

- Andrade, L., & Carraro, W. B. W. H. (2018). Mudanças nos hábitos do controle financeiro pessoal com educação financeira sustentável. *Revista Saber Humano*, 8(13), 134–151.
- Banco Central do Brasil. (2013). *Caderno de Educação Financeira: Gestão de finanças pessoais*. https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/caderno_cidadania_financeira.pdf
- Banco Central do Brasil. (2021). *Relatório de cidadania financeira*. <https://www.bcb.gov.br>
- Carraro, W. B. W. H., & Larroza, F. (2021). Estratégias digitais para transformar pesquisa de educação financeira em extensão e vice-versa. Em A. R. C. Hernandez, F. T. da Cruz, G. Coelho-de-Souza, M. N. Schubert, P. M. Marques, & P. D. Waquil (Orgs.), *Metodologias remotas para pesquisar, ensinar e intervir* (pp. 281–301). Appris.
- Carraro, W. B. W. H., & Merola, A. (2018). Percepções adquiridas numa capacitação em educação financeira para adultos. *Gestão & Planejamento*, 10, e4711.

Carraro, W. B. W. H., & Soster, M. P. (2022). Changes in personal financial behavior amid the COVID-19 pandemic in Brazil. In *Modern Regulations and Practices for Social and Environmental Accounting* (pp. 191–205). IGI Global.

Cerbasi, G. (2004). *Casais inteligentes enriquecem juntos*. Gente.

Cerqueira, G., & Barros, R. (2024). *Educação financeira e decisões de endividamento, consumo, investimento e poupança: Uma análise com discentes do ensino superior* [Trabalho de conclusão de curso de bacharelado, Universidade Federal de Santa Maria].

Fornero, E., & Lo Prete, A. (2023). Financial education: From better personal finance to improved citizenship. *Finance & Society*, 9(1), 45–60. <https://doi.org/10.1017/flw.2023.7>

Hernández-Fuentes, M., Galvis-Duarte, Y. T., & Rolón Rodríguez, B. M. (2023). La importancia de la educación financiera en las finanzas personales de los jóvenes. *Revista Investigación & Gestión*. <https://doi.org/10.22463/26651408.4431>

Hira, T. K. (2015). Financial sustainability and personal finance education. In J. J. Xiao (Ed.), *Handbook of Consumer Finance Research* (pp. xxx–xxx). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-28887-1_29

Nicolaescu, V. G. (2022). Financial education as a tool for financial development. *Journal of Public Administration, Finance and Law*, 27, 177–187. <https://doi.org/10.47743/jopafl-2023-27-24>

Oliveira, D. A. S., Bernet, R. R., & Hoyos, D. C. M. (2024). The transformative integration of university extension and education in communities. In *University Extension and Social Transformation* (pp. xxx–xxx). Seven Editora. <https://doi.org/10.56238/sevened2024.009-037>

Starček, S., & Trunk, A. (2012). The meaning and concept of financial education in the society of economic changes. *Research Papers in Economics*, 3(2), 25–35.

Terták, E. (2021). A global view on financial education. *Economy & Finance*, 1(2), 5–12.

Vieira, K. M., Moreira, F. J., & Potrich, A. C. G. (2023). Vista dos estudos sobre educação financeira no âmbito de instituições de ensino no Brasil: Uma revisão integrativa de literatura. *Peer Review: Emerging Trends and Key Debates in Undergraduate Education*, 2, 47–56.